

Rudolfio

(Valentin Grigorievitch Raspútin)*

Tradução de Henrique Gomes Santos e
Fatima Bianchi **

RESUMO: Considerado um dos autores mais renomados da literatura russa da segunda metade do século XX, laureado com diversos prêmios, Rasputin no entanto permanece completamente desconhecido no Brasil. “Rudolfio” (1965), o conto com que o apresentamos ao nosso leitor, se destaca por um enredo complexo, em que uma garota de dezesseis anos, Iô, se apaixona por Rudolf, um homem casado e doze anos mais velho. Ao entrar na vida dele, começando com um toque no ombro, ela vai cada vez mais tomando conta de seu espaço.

ABSTRACT: Considered one of the best-known authors in Russian literature of the second half of the twentieth century, laureate of several prizes, Rasputin nevertheless remains completely unknown in Brazil. “Rudolfio,” the story with which we present him to our readers, is remarkable for its complex plot in which a sixteen-year-old girl, Iô, falls in love with Rudolf, a married man who is twelve years older. Upon entering his life, first with a tap on the shoulder, she increasingly occupies his space.

Palavras-chave: Valentin Raspútin; Rudolfio; conto
Keywords: Valentin Raspútin; Rudolfio; short story

* Valentin Grigorievitch Rasputin (1937 - 2016) nasceu em um vilarejo da província de Irkutsk, na Sibéria. Após uma infância marcada por muitas dificuldades, em 1967 publicou uma coletânea de contos e a novela *Diengui dliá Marii* (Dinheiro para Mária), seguidas por obras marcantes, como as novelas *Jiví i pômni* (Viva e lembre) e *Proschanie iz Matiôroi* (O adeus a Matiora).

**Henrique Gomes Santos é mestrando do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa da USP (henrique.gomes.santos@usp.br). Fatima Bianchi é professora da área de Língua e Literatura Russa do Departamento de Letras Orientais da USP (fbianchi@usp.br).

O

primeiro encontro teve lugar no bonde. Ela o tocou no ombro e, quando ele abriu os olhos, ela disse, mostrando a janela:

– O senhor precisa descer.

O bonde já havia parado e ele, abrindo passagem, saltou logo depois dela. Ela ainda era menina de tudo, tinha uns quinze, dezesseis anos, não mais, ele se deu conta disso na hora, ao ver-lhe o rosto redondo e pestanejante, quando ela se voltou para ele à espera de agradecimento.

– Obrigado – disse ele –, pois poderia ter passado o ponto. – Sentindo que isso não era suficiente, ele acrescentou:

– O dia hoje foi uma loucura, estou cansado. E às oito devo receber um telefonema. De modo que você me prestou um grande favor.

Ela pareceu ter ficado contente, e juntos eles atravessaram correndo a via, atentos a um carro em alta velocidade. Neveva, e ele reparou que os “limpadores de para-brisa” do carro estavam funcionando. Quando a neve cai assim – tão suave e felpuda, como se tivessem sacudindo pássaros de neve selvagens em algum lugar, lá nas alturas –, nem dá vontade de voltar para casa. “Vou esperar a ligação e tornar a sair”, decidiu, virando-se para ela e matutando sobre o que poderia lhe dizer, porque continuar em silêncio já estava se tornando incômodo. Mas ele não fazia nem ideia do que podia e do que não podia falar com ela, e ainda continuava a refletir, quando ela mesma disse:

– Eu o conheço.

– Ah, é? – disse ele, admirado. – Como assim?

– O senhor mora no cento e doze e eu, no cento e catorze. Em média, pegamos o bonde juntos duas vezes por semana. Só que o senhor, com certeza, não repara em mim.

– Interessante.

– E o que há de interessante nisso? Não há nada de interes-

sante. Vocês, adultos, só prestam atenção nos adultos, são todos uns terríveis egoístas. Vai dizer que não?

Ela virou a cabeça para a direita e lançou-lhe um olhar de esguelha, de baixo para cima. Ele se limitou a rir e não lhe respondeu, porque continuava sem saber como lidar com ela, o que podia e o que não podia falar.

Caminharam por algum tempo em silêncio, ela olhando para a frente, e mesmo assim, olhando para a frente, como se não estivesse nem aí, declarou:

– O senhor ainda não me disse como se chama.

– E você precisa mesmo saber?

– Sim. E o que tem de mais? Não sei por que certas pessoas acham que, se eu quero saber o nome de alguém, é porque, obrigatoriamente, tenho um interesse doentio por ela.

– Tudo bem – disse ele –, já entendi. Se precisa mesmo saber, meu nome é Rudolf.

– Como?

– Rudolf.

– Rudolf. – Ela começou a rir.

– O que foi?

Ela se pôs a rir ainda mais alto, e ele, detendo-se, se pôs a olhar para ela.

– Ru-dolf – ela arredondou os lábios e tornou a gargalhar. – Ru-dolf. Achava que só elefantes enjaulados pudessem ter um nome desses.

– O quê?!

– Não fique zangado – ela o tocou na manga. – Mas é engraçado, palavra de honra que é engraçado. O que eu posso fazer?

– Você é uma menina – disse ele, ofendido.

– Claro que sou uma menina. E você é um adulto.

– Quantos anos você tem?

– Dezesseis.

– E eu, vinte e oito.

– Como eu disse: é um adulto, e se chama Rudolf. – Ela de novo se pôs a rir, lançando-lhe, alegremente, um olhar de esguelha, de baixo para cima.

– E como você se chama? – perguntou ele.

– Eu? Por nada no mundo adivinharia.

- Mas não vou adivinhar mesmo.
– E mesmo que tentasse – não adivinharia. Eu me chamo Iô.
– Como?
– Iô.
– Não estou entendendo nada.
– Iô. Ora, incumbência obrigatória. Iô
A vingança veio no mesmo instante. Sem conseguir se conter, ele caiu na risada, balançando-se como um sino, para frente e para trás. Era só olhar para ela para cair na risada, cada vez mais.
– I-ô – ficou gorgolejando em sua garganta. – I-ô. Ela esperou, olhando para os lados, e depois, quando ele se acalmou um pouco, disse com um ar de ofendida:
– Engraçado, não é? Não há nada de engraçado – Iô é um nome tão comum como qualquer outro.
– Desculpe-me – inclinou-se para ela, sorrindo. – Mas achei realmente engraçado. Então agora estamos quites, não é?
Ela assentiu.
O primeiro prédio era o dela, e o seguinte era o dele. Ao pararem à entrada, ela perguntou:
– Qual é o seu telefone?
– Você não precisa dele – disse.
– Tem medo?
– Não se trata disso.
– Os adultos têm medo de tudo nesse mundo.
– Isso é verdade – concordou ele.
Ela tirou a mãozinha da luva e a estendeu para ele. Sua mão era suave e fria. Ele a apertou.
– Bem, corra para casa, Iô.
Ele tornou a se pôr a rir.
À porta, ela se deteve.
– E agora, vai me reconhecer no bonde?
– Essa é boa! Claro que a reconhecerei.
– Até o bonde... – ela ergueu a mão acima da cabeça.
– ...em que formos juntos – acrescentou ele.

Dois dias depois ele partiu para o norte a trabalho e só voltou daí a duas semanas. Ali, na cidade, já se sentia o aroma picante e penetrante da chegada da primavera, que soprava a penumbra e a imprecisão do inverno como se fossem cinzas. Em comparação com as brumas do norte, tudo ali era mais nítido e sonoro, até mesmo os bondes.

Em casa, a esposa lhe disse, quase de imediato:

– Há uma menina que liga todos os dias para você.

– Que menina é essa? – perguntou ele, cansado e com um ar de indiferença.

– Não sei. Achei que soubesse.

– Não sei.

– Estou farta dela.

– Que engraçado – sorriu involuntariamente.

Ele estava na banheira quando o telefone começou a tocar. Pela porta dava para ouvir a esposa respondendo: chegou, está tomando banho, por favor, ligue mais tarde. E ele já se preparava para se deitar quando o telefone tornou a tocar.

– Pois não – disse ele.

– Olá, Rúdik, você chegou! – soou no fone a voz alegre de alguém.

– Olá – respondeu ele cautelosamente. – Quem é?

– Não está reconhecendo? Você, hein, Rúdik... Sou eu, Iô.

– Iô – lembrou-se na mesma hora e, sem querer, começou a rir. – Olá, Iô. Parece que você encontrou para mim um nome mais apropriado.

– Sim. Você gosta?

– Era assim que me chamavam quando tinha a sua idade.

– Não se faça de importante, por favor.

– Não, o que você...

Ficaram em silêncio, e ele, sem se conter, perguntou:

– E do que se trata, Iô?

– Rúdik, quem é ela – sua esposa?

– Sim.

– E por que você não me disse que é casado?

– Perdoe-me – respondeu ele em tom de brincadeira –, não sabia que isso era tão importante.

– Claro que é importante. E você gosta dela?

– Sim – disse ele. – Iô, ouça, por favor, é melhor você não me ligar mais.

– Que me-dro-so – ela pronunciou cantando. – Rúdik, não fique imaginando coisas. Fique com ela, se quiser, não tenho nada contra. Mas também não precisa disso: não telefone. Talvez tenha de tratar de algum assunto.

– Que tipo de assunto? – perguntou ele, sorrindo.

– Como assim, que tipo? Bom... ora, por exemplo, não consigo de jeito nenhum bombar a água de um reservatório para o outro – inventou ela. – Nesse caso posso, não é?

– Não sei.

– Claro que posso. E não fique com medo dela, Rúdik, pois somos dois, e ela é uma só.

– Quem? – ele não entendeu.

– A sua esposa, claro.

– Até mais, Iô.

– Está cansado, não é?

– Sim.

– Então, está bem. Aperte a minha mão e vá se deitar.

– Estou apertando a sua mão.

– E nem sequer converse com ela.

– Certo – riu ele. – É o que farei.

Ainda continuando a sorrir, ele voltou para junto da esposa.

– Era Iô – disse. – É assim que essa menina se chama. Engraçado, não?

– Sim – respondeu ela, temporizando.

– Ela não estava conseguindo resolver uma questão sobre dois reservatórios. Estuda na sétima ou oitava série, não me lembro.

– E você a ajudou com a questão?

– Não – disse ele. – Esqueci tudo isso, e reservatório é uma coisa realmente complicada.

De manhã, mal clareava o dia, o telefone começou a tocar. Que clareava que nada – não havia nenhuma luz, a cidade toda dormia o último sono antes do amanhecer. Ao se levantar, Ru-

dolf lançou um olhar ao prédio em frente: ainda não havia uma única janela iluminada, e apenas as entradas, como gaitas que reluziam como metal, brilhavam em quatro fileiras regulares. O telefone tocava sem parar. Ao se aproximar dele, Rudolf olhou no relógio: cinco e meia.

– Alô – disse com raiva ao fone.

– Rúdik, Rúdik...

Ele se enfureceu.

– Iô, mas que diabo é isso...

– Rúdik – interromperam-no – escute, não se zangue, você ainda não sabe o que aconteceu.

– O que aconteceu? – perguntou ele, acalmando-se.

– Rúdik, você já não é mais Rúdik, você é Rudolfio – foi-lhe anunciado solenemente. – Rudol-fio! Bacana, não é verdade? Acabei de inventar. Rudolf e Iô, juntos fica Rudolfio, como em italiano. Então repita.

– Rudolfio. – Em sua voz se confundiam desespero e raiva.

– Correto. Agora temos o mesmo nome – somos inseparáveis. Como Romeu e Julieta. Você é Rudolfio, e eu sou Rudolfio.

– Escute – disse ele, recuperando os sentidos. – Você não poderia ter deixado para me batizar numa outra hora mais apropriada?

– Mas você não entende que eu não podia esperar? Ora essa. Além do mais, está na hora de você se levantar. Rudolfio, lembre-se: às sete e meia estarei esperando por você no ponto do bonde.

– Hoje não vou de bonde.

– Por quê?

– Tenho compensação de horas.

– O que é isso?

– A compensação de horas é uma folga extraordinária, não vou ao trabalho.

– Ah, ah – disse ela. – E como eu fico?

– Não sei. Vá para a escola e pronto.

– E a sua esposa também estará de folga?

– Não.

– Bem, então não tem problema. Só não se esqueça, agora nos chamamos Rudolfio.

– Fico feliz.

Ele pôs o fone de volta no gancho, praguejando, e foi preparar o chá. Pegar no sono agora, de qualquer modo, não conseguiria. Além disso, no prédio em frente já havia três janelas iluminadas.

Ao meio-dia bateram à porta. Ele estava justamente limpando o chão e a abriu com o pano molhado na mão, pois nem lhe havia ocorrido de deixá-lo em algum lugar pelo caminho.

Era ela.

– Olá, Rudolfo.

– Você! – ele se espantou. – O que aconteceu?

– Também tirei uma folga.

Que cara de santa: nem um pingo daquilo que chamam de peso de consciência.

– Veja só! – respondeu ele com virilidade. – Quer dizer que está passeando. Bem, já que veio, então entre. Já estou terminando a limpeza.

Sem tirar o casaco, ela se sentou na poltrona perto da janela e se pôs a observar como ele, inclinando-se, passava o pano no chão.

– Rudolfo, para mim você é infeliz na vida familiar – declarou ela depois de um minuto.

Ele se endireitou.

– De onde tirou isso?

– É muito fácil perceber. Por exemplo, você limpa o chão sem nenhum prazer, e com as pessoas felizes não é assim.

– Não invente coisas! – disse ele, sorrindo.

– Quer dizer que é feliz?

– Não direi nada.

– Aí está.

– É melhor tirar o casaco.

– Tenho medo de você – disse ela, espiando pela janela.

– Como é que é?

– Ora, você é um homem.

– Ah, veja só isso. – Ele se pôs a rir. – Então, como teve coragem de vir até aqui?

– Ora, eu e você somos Rudolfio.

– Sim – disse ele –, sempre me esqueço disso. Isso, com certeza, me impõe certas obrigações.

– É claro.

Ela ficou em silêncio e, enquanto ele esvaziava o balde na cozinha, sentou-se tranquilamente. Mas, quando ele retornou, o casaco já estava pendurado no encosto da poltrona e o rosto de Iô estava contemplativo e tristonho.

– Rudolfio, hoje eu chorei – confessou ela de repente.

– Por quê, Iô?

– Iô não, Rudolfio.

– Por quê, Rudolfio?

– Por causa da minha irmã mais velha. Ela fez um escândalo quando eu resolvi tirar folga.

– Na minha opinião, ela está certa.

– Não, Rudolfio, não está certa. – Ela se levantou da poltrona e parou junto da janela. – Você é que não compreende, uma vez pode. Não sabe como estou feliz agora, por falar com você...

Ela tornou a ficar em silêncio, e ele a observou atentamente. Através do vestido, agitados, seus peitos despontavam como dois pequenos ninhozinhos feitos por pássaros desconhecidos para criar os filhotes. Ele percebeu que em um ano seu rosto se alongaria e ficaria bonito, e ficou triste com a ideia de que, com o tempo, ela teria também um namorado. Ele se aproximou dela, segurou-a pelos ombros e, sorrindo, disse:

– Tudo ficará bem.

– É verdade, Rudolfio?

– É verdade.

– Acredito em você – disse ela.

– Certo.

Ele quis se afastar, mas ela o chamou:

– Rudolfio!

– Sim.

– Por que se casou tão cedo? Só mais uns dois anos, e eu poderia me casar com você.

– Não se apresse – disse ele. – Mesmo assim você se casará com algum bom rapaz.

– Eu queria casar com você.

- Ele será melhor que eu.
- Pois é – disse ela pausadamente, incrédula. – Você acha que existem melhores?
- Existem mil vezes melhores.
- Mas não será você. – Ela suspirou de modo desajeitado.
- É melhor tomarmos um chá – propôs ele.
- Sim.

Ele foi à cozinha e pôs a chaleira no fogo.

- Rudolfo!
- Ela ficou de pé ao lado da estante de livros.
- Rudolfo, nós temos o nome mais bonito. Veja só, nem os escritores têm um melhor. – Ela se calou por um instante. – Talvez apenas este aqui. E-xu-pé-ry. Bonito, não é mesmo?
- Sim – disse ele. – Você não o leu?
- Não.
- Pegue e leia. Mas sem folgas, combinado?
- Combinado.

Ela começou a vestir o casaco.

- E o chá? – lembrou ele.
- Rudolfo, é melhor eu ir embora, está bem? – Seu sorriso se tornou triste. – Só não fale à sua mulher que eu estive aqui. Está bem, Rudolfo?
- Está bem – prometeu ele.

Quando ela foi embora, ele sentiu que havia ficado triste, tomado por uma angústia inexplicável, ainda não manifesta, mas que no entanto existe na natureza. Ele se vestiu e saiu para a rua.

A primavera chegou como que de uma só vez, quase sem avisar. Por alguns dias as pessoas se tornaram mais gentis, e esses dias lhe pareceram um período de transição da fase de expectativa para a fase de realização, porque os sonhos primaveris, com a maestria de uma cartomante experiente, profetizavam-lhe felicidade e amor.

Em um desses dias, já à noite, quando Rudolf voltava para casa, uma mulher de mais idade o deteve.

– Sou a mãe de Iô – começou ela. – Perdoe-me, mas o senhor, se não me engano, se chama Rudolfio.

– Sim – concordou ele, sorrindo.

– Eu o conheço através de minha filha. Ultimamente ela tem falado muito do senhor, mas eu...

Ela hesitou, e ele compreendeu que era difícil para ela, como mãe, perguntar o que tinha de perguntar.

– Não se preocupe – disse ele. – Eu e Iô temos a melhor das amizades, e nada de ruim há de vir disso.

– Claro, claro – ela apressou-se em dizer, confusa. – Mas Iô é uma menina estabanada, não nos ouve absolutamente. E se o senhor tiver influência sobre ela... O senhor entende, eu tenho receio, é uma idade em que é preciso ter receio: ela pode cometer alguma besteira. E, depois, assusta-me o fato de não ter nenhuma amiga entre as colegas de classe e nem mesmo entre as pessoas da idade dela.

– Isso não é bom.

– Eu sei. Parece-me que o senhor tem influência sobre ela...

– Falarei com ela – prometeu ele. – Mas, para mim, Iô é uma boa garota, a senhora está se preocupando tanto à toa.

– Não sei.

– Até logo. Falarei com ela. Tudo ficará bem.

Ele decidiu telefonar para ela na mesma hora, não deixar para depois, ainda mais que sua esposa não estava em casa.

– Rudolfio! – era evidente que ela tinha ficado muito feliz. – Que bom que você ligou, Rudolfio, porque eu tornei a chorar.

– Você não pode chorar tanto – disse ele.

– É tudo culpa do *Pequeno Príncipe*. Sinto tanta pena dele. Então é verdade que ele esteve aqui na terra?

– Acho que é.

– Eu também acho. Mas nós não sabemos. Porque isso é terrível. E se não fosse Exupéry, nunca saberíamos. Não é à toa que ele tem um nome tão bonito, assim como nós.

– Sim.

– Uma outra coisa em que estou pensando: ainda bem que ele

continuou um Pequeno Príncipe. Senão, seria terrível: e se depois, de repente, ele se tornasse uma pessoa comum? E nós já temos tantas pessoas que são comuns demais.

– Não sei.

– Mas eu sei, isso é fato.

– E *A terra dos homens*, você leu?

– Eu li tudo, Rudolfo. Para mim, Exupéry é um escritor muito sábio. É até assustador o quanto ele é sábio. E bondoso. Lembra: colocam Bark em liberdade, lhe dão dinheiro, e ele o gasta com sapatinhos para as crianças e fica sem nada.

– Sim – disse ele. – E lembra de Bonnafous, que arruinou e saqueou os árabes, e eles o odiaram e amaram ao mesmo tempo?

– Porque sem ele o deserto lhes pareceria o mais comum, mas ele o fez perigoso e romântico.

– Você é formidável, se entende tudo isso – disse ele.

– Rudolfo... – ela ficou calada.

– Estou ouvindo – lembrou-lhe ele.

Ela ficou em silêncio.

– Rudolfo – disse ele, agitando-se por algum motivo. – Venha agora à minha casa, estou sozinho.

Depois de olhar em redor, ela foi até a poltrona e se sentou.

– Por que está tão quieta? – perguntou ele.

– É verdade que ela não está?

– Minha esposa?

– Sim, claro.

– Não, não está.

– Você vive com uma bruaca.

– O quê?

– Uma bruaca – é isso mesmo!

– De onde tirou essa palavra?

– Da grande língua russa. Não há nada lá mais apropriado para ela.

– Iô, não fale assim.

– Iô, não, Rudolfo.

– Ah, sim.

– Não faz muito tempo que telefonei e foi ela que atendeu. Sabe o que ela me disse? Se for por causa dos reservatórios, disse, é melhor procurar seu professor. Para mim, ela tem ciúmes de você comigo.

– Não acho.

– Rudolfio, diga a verdade, eu sou melhor que ela? Ainda não estou completamente formada, tenho muita coisa pela frente. Ele sorriu e acenou com a cabeça.

– Está vendo. Para mim, está na hora de você se separar dela.

– Não fale bobagens – ele a interrompeu. – Estou te dando liberdades demais.

– Por amor, não é?

– Não, por amizade.

Ela franziu a testa e emudeceu, mas era evidente que não seria por muito tempo.

– Como ela se chama?

– Quem? Minha esposa?

– Sim, claro.

– Klava.

– Nada além de um fardo.

Ele se enfureceu:

– Pare.

Ela se levantou, fechou os olhos por um momento e disse de repente:

– Rudolfio, não sou normal, perdoe-me, eu não queria...

– Não me venha com choro – advertiu ele.

– Não vou chorar.

Ela se afastou e virou-se para a janela.

– Rudolfio – disse ela –, vamos combinar o seguinte: eu não estive na sua casa hoje e não disse nada disso, está bem?

– Está bem.

– Considere que eu disse este “até logo” para você por telefone.

– Está bem.

Ela foi embora.

Cinco minutos depois o telefone tocou.

– Até logo, Rudolfio.

– Até logo.

Ele esperou, mas ela desligou.

Ela já não ligava mais, e por muito tempo ele não a viu, pois tornou a viajar e retornou apenas em maio, quando na escala solar o verão acabava de superar a primavera. Durante esse tempo todo ele teve sempre muito trabalho; ao se lembrar dela, continuava a adiar: amanhã eu converso, depois de amanhã, e por fim não conversou.

Acabaram se encontrando por acaso – no bonde. Ele a viu e se pôs a abrir passagem com impaciência, temendo que ela descesse – pois ela poderia descer em outro ponto, e ele, com certeza, não se atreveria a saltar atrás dela. Mas ela ficou, e ele se pegou mais alegre com isso do que devia, certamente por suas relações de amizade.

– Olá, Iô – disse ele, tocando-lhe o ombro.

Ela se virou assustada, o viu e, sem se apressar, acenou-lhe com alegria:

– Iô, não, Rudolfio – corrigiu ela, assim como antes. – Ainda somos amigos, não somos?

– Claro, Rudolfio.

– Você viajou?

– Sim.

– Liguei uma vez, você não estava.

– Já faz uma semana que estou aqui.

Havia muita gente no bonde, e todos se empurravam sem parar. Aconteceu de ficarem bem perto um do outro, a cabeça dela roçando o queixo dele, e quando ela levantou o rosto e ele se abaixou para prestar atenção, teve de desviar os olhos, de tão perto que estavam.

– Rudolfio, quer que lhe diga uma coisa? – perguntou ela.

– Claro, quero.

Ela tornou a levantar o rosto, e ficou tão próxima dele que ele desejou fechar os olhos.

– Sem você, passo o tempo todo triste, Rudolfio.

– Sua bobinha – disse ele.

– Eu sei – suspirou ela. – Mas não ficaria triste assim por outros garotos, nem em cem anos precisaria deles.

O bonde parou e eles desceram.

– Vai voltar para a sua Klava? – perguntou ela.

– Não, vamos passear.

Viraram em direção ao lago, ali onde começa o terreno baldio, e seguiram por fora da trilha, saltando montículos e montes de entulho, e ele segurava-lhe a mão, ajudando-a a atravessar cada elevação.

Ela estava calada. Isso não era do seu feitio, mas estava calada, e ele sentiu que ela, assim como ele, estava tomada por uma agitação – forte, ruidosa e independente de qualquer coisa.

Eles foram para o barranco e, ainda de mãos dadas, ficaram olhando para o lago, para algum lugar atrás do lago, e de novo para o lago.

– Rudolfio – disse ela, não suportando mais. – Ninguém nunca me beijou ainda.

Ele se inclinou e a beijou no rosto.

– Na boca – pediu ela.

– Só pessoas com muita intimidade se beijam na boca – conseguiu dizer, atormentado.

– Mas e eu?

Ela estremeceu, e ele se assustou. No instante seguinte ele de súbito entendeu – não sentiu, mas justamente entendeu – que ela o havia golpeado, havia lhe desferido o mais autêntico bofetão e se posto a correr, de novo para lá – através do terreno baldio, dos montículos, da agitação e da expectativa.

Mas ele permaneceu e ficou olhando-a ir embora, sem sequer ousar chamá-la, não ousou se pôr em seu encalço e alcançá-la. Permaneceu ainda por muito tempo, devastado e odiando-se.

Isso aconteceu no sábado, e no domingo, de manhã cedo, a mãe dela ligou:

– Rudolfio, perdoe-me, por favor, certamente o acordei...

Sua voz estava abatida, trêmula.

– Estou ouvindo – disse ele.

– Rudolfio, hoje Iô não passou a noite em casa.

Ele precisava responder qualquer coisa, mas ficou em silêncio.

– Estamos desesperados, não sabemos o que fazer, como agir, é a primeira vez...

– Primeiro, acalme-se – disse ele, por fim. – Talvez ela tenha passado a noite na casa de alguma amiga.

– Não sei.

– É provável que seja isso. Se não chegar em duas horas, vamos procurá-la. Mas fique calma, em duas horas ligo para a senhora.

Ele desligou, pensou um pouco e disse consigo mesmo: acalme-se você também, talvez tenha passado a noite na casa de alguma amiga. Mas não conseguia se acalmar, ao contrário, começou a ser tomado por calafrios nervosos. Para contê-los, foi à despensa e, assobiando, começou a revirar seus livros velhos, ainda do tempo de escola. O manual de álgebra estava perdido em algum canto, e enquanto o procurava foi aos poucos se distraíndo.

O telefone, dissimulando, guardava silêncio. Rudolf fechou a porta da cozinha atrás de si e se pôs a folhear o livro. Estava ali: se bombear a água de um reservatório para outro durante duas horas...

O telefone tocou.

– Ela chegou – sem conseguir se conter, a mãe se pôs a chorar. Ele parou e ficou ouvindo.

– Rudolfio, venha até a nossa casa, por favor.

Ela se pôs de novo a chorar e acrescentou em seguida:

– Aconteceu alguma coisa com ela.

Sem pedir licença, ele tirou a capa, e a mãe, em silêncio, apontou-lhe a porta do quarto.

Iô estava sentada na cama, inclinada sobre as pernas, e olhava para a janela à sua frente, balançando-se.

– Rudolfio! – chamou ele.

Ela se virou para ele e não disse nada.

– Rudolfio!

– Pare – fez uma careta de aversão. – Que Rudolfio o quê, você é o mais comum Rudolf. O mais comum Rudolf, entendeu?

O golpe foi tão forte que a dor se propagou imediatamente por todo o seu corpo, mas ele se forçou a ficar, aproximou-se da janela e apoiou-se no peitoril.

Ela não parava de balançar de um lado para o outro, olhando para a frente, sem vê-lo, e as molas da cama rangiam levemente sob ela.

– Tudo bem, então – disse ele, concordando com ela. – Mas diga onde você esteve!

– Vai para o inferno! – disse ela, cansada, sem se virar.

Ele assentiu. Depois tirou sua capa do cabide e, sem responder à pergunta silenciosa da mãe, desceu as escadas e foi para o inferno. O domingo estava apenas começando, havia poucos transeuntes na rua, e ninguém o deteve. Ele atravessou o terreno baldio, desceu até a margem e de repente pensou: e agora, o que eu faço?

(1965)